

Dois homens livres: António Sérgio e Alberto de Monsaraz António Ventura

António Sérgio nasceu em 1883 e Alberto de Monsaraz em 1889. Seis anos separavam esses dois homens com percursos biográficos tão diferentes, mas com alguns pontos de convergência. Sérgio era oficial da Armada em 1910 e Monsaraz frequentava o curso de Direito na Universidade de Coimbra. Ambos monárquicos, quando a República foi proclamada, o primeiro demitiu-se da Marinha, e ainda esteve preso alguns dias sob suspeita de conspirar contra o novo regime¹, enquanto que o segundo aproveitou uma viagem do Orfeão Académico a Paris, em 1911, para ficar num exílio voluntário, acamaradando com outros correligionários ali residentes. Só regressou a Portugal em 1913 para prosseguir os estudos.

António Sérgio empenhou-se na Renascença Portuguesa e fez diversas viagens, com algumas permanências mais ou menos longas no estrangeiro²: Londres em Novembro 1912, de onde partiu em Janeiro do ano seguinte para o Rio de Janeiro. Em 1914 esteve em França (Nice) e na Suíça (Genebra), regressando a Lisboa. Permaneceu em Portugal em 1915 – recebeu um convite para dirigir uma Escola Nova em Cuba, que não se concretizou – regressando ao Brasil, depois de uma passagem por Genebra em 1916. Numa carta a Raul Proença, escrita em 1914, afirmava: «só voltarei a assentar

arraias em Portugal quando me puder ir dedicar à minha revolução que é, como sabe, a revolução pedagógica»³. Manteve uma intensa actividade na imprensa – revista *A Águia, Pela Grei*, órgão da Liga de Acção Nacional – e em numerosas publicações, essencialmente sobre educação e pedagogia. No Brasil fundou, com Álvaro Pinto, a Sociedade Sérgio & Pinto, que administrava a Livraria Editora, regressando à Europa em 1922 por razões de saúde (França e Suíça), não integrando, por isso, o grupo inicial da *Seara Nova* (1921). Aderiu ao grupo seareiro em 1923, ano do seu regresso a Portugal, sem que se tivessem dissipado completamente as suspeitas de monarquismo que ainda pendiam sobre ele⁴. Colaborou activamente no projecto de reforma do ensino do ministro João Camoesas e com a Escola Nacional de Agricultura de Bencanta, Coimbra. Figura central da *Seara Nova*, participou no governo presidido por Álvaro de Castro, numa curta experiência de dois meses como Ministro da Instrução (1923-4).

Até então, os caminhos de Sérgio e de Monsaraz não se tinham cruzado, nem mesmo na experiência dos *Homens Livres*.

Alberto de Monsaraz, depois do regresso à Pátria em 1913, envolveu-se na organização do Integralismo Lusitano, juntamente com velhos amigos e companheiros de Coimbra – António Sardinha, Luís de Almeida Braga, José Pequito Rebelo, Hipólito Raposo – assumindo em 1914 a direcção da revista *Nação Portuguesa*, órgão teórico do movimento. Tudo isto prejudicou a conclusão da licenciatura, que só ocorreu em 1915. No ano seguinte, Alberto de Monsaraz integrava a Junta Central do Integralismo Lusitano, tendo a partir de então um papel destacado na orgânica do movimento, e assumindo em 1917 a direcção do diário *A Monarquia*. Em 1918 cumpriu serviço militar, mas recusou prestar juramento à República, pelo que foi punido, e, no ano seguinte, participou na tentativa insurreccional monárquica de Monsanto. Gravemente ferido com um estilhaço de granada, foi julgado no rescaldo da revolta e condenado a dois anos de prisão, na alternativa de três anos de degredo, acabando por se evadir do Hospital de S. José. Refugiou-se em Marrocos, de onde partiu para Espanha, via Gibraltar, reunindo-se em Madrid com outros exilados portugueses, entre os quais Sardinha e Almeida Braga. Depois de uma passagem por Paris, regressou a Portugal em 1921, prosseguindo a militância integralista.

Esteve, porém, ausente, dos *Homens Livres*, efémera e contraditória experiência que reuniu em 1923 integralistas e seareiros. Contrariamente a António Sérgio e António Sardinha, figuras máximas de ambos os campos, não colabora nos dois únicos números do jornal então publicados, o que demonstra que, tanto de um lado como do outro, houve figuras de peso que se mantiveram à margem⁵. O 28 de Maio de 1926 veio confirmar o malogro das tentativas de reformar a República, e o triunfo das diversas forças que a prenderiam destruir, incluindo, naturalmente, os integralistas.

Com a instauração da Ditadura Militar tudo mudou para os dois homens. António Sérgio partiu para Espanha e depois para Paris, onde participou activamente nos movimentos de oposição à Ditadura Militar, ao mesmo tempo que trabalhava na Casa Editora Franco-Ibero-Americana e fazia traduções para a Paramount. Só voltou a Portugal em 1933, após uma passagem por Santiago de Compostela, em cuja universidade orientou um curso de literatura portuguesa, a convite do respectivo reitor, D. Alexandre Cadarso, ali fundando um Instituto de Estudos Portugueses. A 10 de Julho daquela ano foi detido quando se encontrava com o tenente-coronel Francisco Aragão, sob suspeita de ligações com o coronel Ribeiro de Carvalho, e libertado depois de 5 horas de incomunicabilidade. Esteve ligado à Aliança Republicana e voltou a ser preso a 27 de Agosto de 1935⁶, naquela que será a sua mais longa prisão. Libertado a 12 de Dezembro do mesmo ano, foi posto na fronteira e banido do território nacional. Exilado em Madrid, regressou a Portugal em 1936, prosseguindo o seu magistério cívico e cultural, sempre muito crítica em relação ao Estado Novo. Promoveu uma insistente campanha de crítica e de doutrinação através da conferência, do livro ou do folheto, nas páginas de publicações periódicas, sempre no meio de polémicas, que procurava deliberadamente, e sem as quais não encontrava uma completa satisfação. Sem esquecer a luta pela Democracia, como ele a entendia, incompatível tanto com o Estado Novo como com outras fórmulas propostas por sectores oposicionistas, e com as quais nunca esteve nem podia estar de acordo. Daí o seu atlantismo, e o apoio a Quintão Meireles e a Humberto Delgado.

Sufrerá ainda duas prisões: em 1948, durante a actividade preparatória das eleições presidenciais do ano seguinte, e em 1958⁷, quando fez parte da comissão que convidou o dirigente trabalhista Aneurin Bevan para visitar Portugal.

Um tal percurso dificilmente se cruzaria com o de Alberto de Monsaraz que, sempre coerente com os seus ideais, militou no Integralismo até à sua extinção. Também colaborou na fundação de outro movimento que se lhe afigurava mais de acordo com a época, mais revolucionário e militante – o Nacional Sindicalismo. Monsaraz e Rolão Preto foram, aliás, os únicos elementos pertencentes à primeira geração integralista que nele participaram. Monsaraz foi Secretário Geral do Nacional Sindicalismo, e teve que enfrentar a hostilidade de um regime que se consolidava e que não podia permitir devaneios nem extremismos que pusessem em causa a beata quietude lusitana. Sofreu a repressão desencadeada por Salazar contra o Nacional Sindicalismo, sendo detido em Abril de 1934 e expulso do país sem julgamento, em 14 de Julho daquele ano, por 6 meses prorrogáveis. Fixou-se em Espanha, mais exactamente em Valência de Alcântara, na Extremadura, junto à fronteira, onde casou e onde nasceu a sua primeira filha, Maria Flávia. Foi depois para Madrid, só regressando a Portugal em 1936. A clivagem entre Salazar e o seu regime, e os sectores mais coerentemente monárquicos, integralistas e nacionais-sindicalistas, levou à inevitável ruptura. Detectam-se cumplicidades entre monárquicos e republicanos para derrubar o regime – a tentativa de Mendes Norton, a 10 de Setembro de 1934, o envolvimento de Paiva Couceiro e os seus contactos com sectores reviralhistas –, o mesmo sucedendo nas décadas seguintes, com a paradoxal lista republicana-integralista que se apresentou às eleições legislativas de 1949 no círculo eleitoral de Castelo Branco, promovida por Cunha Leal, e com a lista integralista de Pequito Rebelo, nesse mesmo ano, no círculo de Portalegre. E, de uma forma mais clara, com as eleições de 1958, onde Delgado contou com apoio de conhecidos monárquicos – como Vieira de Almeida – e de antigos integralistas e nacionais-sindicalistas como Rolão Preto e Luís de Almeida Braga. Embora Alberto de Monsaraz não se tenha relacionado tão activamente com os sectores oposicionistas republicanos, limitando-se a participar de forma empenhada na Causa Monárquica, o seu desacordo em relação ao regime era claro e assumido. Veja-se, para além de artigos publicados na imprensa dessa época, os seus livros *Altura Solar*⁸ e, muito em especial, *Respiração mental – O problema da Censura*⁹, um libelo corajoso e desassombrado contra a limitação da liberdade de expressão em geral, e de imprensa em particular.

Daí uma natural aproximação entre António Sérgio e Alberto de Monsaraz, comprovada por algumas cartas trocadas entre ambos e que chegaram até nós, e que damos a conhecer, possivelmente o que resta de um epistolário mais vasto que terá desaparecido. São documentos de grande interesse para o relacionamento entre os dois homens e para o esclarecimento das respectivas posições.

As primeiras duas cartas de Alberto Monsaraz datam de Julho e Agosto de 1948, e são escritas a propósito da recentemente publicada conferência de António Sérgio, «Confissões de um Cooperativista», proferida na Caixa Económica Operária¹⁰. São dois documentos interessantes pela apreciação feita a António Sérgio e ao cooperativismo por ele defendido, mas também reveladores do pensamento de Monsaraz, eivado de um cristianismo heterodoxo, longe do catolicismo oficial, que critica, permeável a outras correntes como o teosofismo, o espiritismo, bem como a alusão à obra de Dimitry Merejkovsky. A oposição que estabelece entre o cristianismo primitivo, que defende, e o catolicismo, é, aliás, permanente.

Lisboa, 21 de Julho de 1948

Meu caro Sérgio

Desculpe não haver ainda agradecido o seu notável folheto *Confissões de um Cooperativista*, que teve a amabilidade de oferecer-me, quando, há tempos, esteve em minha casa.

Essas páginas são o claríssimo espelho duma alma, dum espírito e duma consciência como há poucas – espírito de idealista, alma de romântico, bela consciência de homem independente, sobre quem nunca exerceu qualquer pressão inconfessável o peso das cobiças materiais.

Quanto à questão propriamente dita do Cooperativismo, julgo o tema muito bem focado e desenvolvido, embora me pareça considerado por forma incompleta quanto às suas virtualidades de realização. A Utopia não consiste em acreditar nas possibilidades futuras dum Cooperativismo integral: consiste apenas em supô-lo possível e viável enquanto não ressuscite, adentro de cada homem, a graça do primitivo Cristianismo evangélico.

O Capitalismo desentranhou-se aos poucos da sociedade medieva, precisamente quando nela se foi esbatendo o espírito de caridade e misericórdia, isto é, o sentimento profundo do que seja o amor cristão até ao sacrifício. Assim também esse Cooperativismo, cuja necessidade tão justamente proclama, só conseguirá florir um dia sobre a charneca adusta do mundo burguês se ela vier a ser profusamente adubada pelo enternecimento do amor do próximo, sem ocultas reservas mentais, sem cálculos e sem ambições.

Será porventura necessária uma nova Revelação, dada a impotência que se vislumbra nas Igrejas actuais para impor às colectividades do Século XX o clima espiritual do Século II?

Ou será pelo progressivo desabrochar da intuição, do sexto sentido, abrindo aos homens horizontes incalculáveis sobre os planos superiores do Universo, que virá a produzir-se aquela ambicionada reforma moral – salvação e resgate da Humanidade?

Enquanto este problema prévio não entre em vias de clara solução, não creia, meu bom Amigo, que nenhum totalitarismo, nem capitalismo, nem o soviético, se resigne voluntariamente a *murchar*.

Com muitos patrões, ou com um só patrão, sempre hão-de surgir Chefes e Subchefes, gananciosos e astutos, para usarem e abusarem das fraquezas alheias em mero benefício próprio.

Ou pensa Você que os funcionários das suas almeçadas cooperativas se transformem, por simples graça da legislação socializante, em entidades angelicais? Não o suponho. Nunca o Cooperativismo logrará regentar as Sociedades, liberto de todas as más influências dos vícios humanos, facultando-lhe, como hoje lhe falta ainda, o autêntico espírito de fraternidade. Ora esse considero-o insubsistente, se não impossível, sob o aspecto da solidariedade materialista dos nosso dias.

Precisa que o desperte e o anime de novo, que o reanime e mantenha aceso, a íntima segurança, a viva certeza bem sentida da presença de Cristo na alma de cada qual.

Acredito firmemente num renascimento vindouro das virtudes individuais, quando a fé, alicerce comum de todas as Igrejas, for sendo substituída,

graças às interiores descobertas espirituais, por aquelas claras evidências que só se descortinam com a verificação do prolongamento da nossa consciência humana para além do mundo dos sentidos.

Então, sim; então poderá entrar-se afoitamente nesse estado ideal de pré-angélica anarquia, em que o Estado, personificação do poder público, *murche* por inútil, tornando-se realidade visível nesta vida e mito do paraíso Terrestre.

Rousseau não tinha razão. O Homem é e continuará sendo naturalmente mau – só convivendo por medo à coerção da Lei – enquanto se não convença, mercê de repetidos milagres exteriores ou experiências anímicas subjectivas, que se lhe torna indispensável preparar, durante a encarnação presente, pelo constante esforço de rectificações espirituais e morais, as modalidades futuras da existência, onde quer que ela prossiga.

Esta linguagem desconcertante que o fará sorrir, céptico e compassivo, é filha de íntimas seguranças absolutas, que mantêm abertas as mais amplas clareiras de esperança no meio do pessimismo e do desinteresse crescentes com que tenho de continuar movendo-me entre as trevas do mundo actual.

Custa muito singrar, de escolho em escolho, através de tantos dogmatismos religiosos e científicos.

«Nimet Allah», exclamam os maometanos. «À graça de deus», respondemos confiantes, nós outros, – os cristãos.

Abraça-o com muita sincera simpatia, o velho camarada, admirador de sempre apesar de tão profundas divergências no pensar e no sentir,

Alberto de Monsaraz

P.S. Mando-lhe, para o caso de o não haver lido, o penúltimo número de *Sol*¹¹. Mais uma vez, tento lançar à terra deste enxadrezamento de interesses enraizados, a boa semente da Tribuna da Oposição. Extenuante esforço. É indispensável prosseguir. Porque não toma agora a palavra?

Estoril – 10 de Agosto de 1948

Meu caro Sérgio:

Poenitet me peccavi

Convenço-me agora, pela sua notável conferência, de que as distâncias espirituais que ainda nos separam devem constituir fracções de espaço bem fáceis e simples de transpor.

Supunha-lhe o espírito – confesso-o – todo imbuído de materialismo histórico, movendo-se dentro de moldes racionalistas bastante rígidos e usando habitualmente dum certo sistema dialéctico incompatível com essas outras formas de conhecimento, por meio de sondagens nos planos superiores da Vida, que são as alavancas do sexto sentido.

O eloquente remate, forte e vibrante, dessa generosa conferência, ao apelar para a verdadeira reforma espiritual como condição imprescindível do restabelecimento da justiça na Terra, certifica-me na realidade de que, entre dois homens de boa vontade, o aparente abismo ideológico não passa muitas vezes duma efémera e insubsistente miragem, devida menos à oposição das ideias do que ao confusionismo inevitável das palavras.

No penúltimo livro que publicou, *Jesus Inconnu*, Dimitry Merejkovsky¹² nota de passagem o seguinte, referindo-se ao Evangelho:

«Le monde, tel qu'il est, et ce Livre ne peuvent coexister. C'est l'un ou autre: le monde doit cesser d'être ce qu'il est ou ce Livre doit disparaître du monde. Le monde l'a absorbé, comme un homme bien portant avale un poison, ou comme un malade prend un remède et il lutte contre lui, pour l'assimiler ou le rejeter à jamais. Voici vingt siècles que dure ce combat, et au cours de ces derniers siècles la lutte est devenue si âpre qu'un aveugle même voit que ce Livre et le monde ne peuvent coexister: c'est l'un ou l'autre».

Antero e Vieira, testemunhas-soldados, como hoje António Sérgio, dessa batalha sem tréguas a que alude o grande ensaísta russo, revelam-se ao mundo e à História com uma independência de espírito e um inflexível desassombro de alma que faz deles nobres exemplos, sem dúvida excepcionais, entre os pensadores seus contemporâneos. Bem hajam.

Na fase actual do duelo de morte que opõe ao Evangelho, sopro criador, as forças de negação total da Vida – no sentido anterior da palavra – depara-se-nos claramente o que poderemos apelidar de «luta civil» entre os bons e os maus cristãos, os sinceros e os oportunistas, à retaguarda da primeira linha comum contra a qual investem as formações cerradas dos negadores mefistofélicos, para quem nenhuma dessas lentas conquistas morais a que Você faz referência – quase todas elas do Século XIX – possui o mínimo valor. Relembro aqui as principais, enumerando-as ao acaso: – Abolição do trabalho forçado. Inviolabilidade do Lar. Liberdade de opinião, falada e escrita. Respeito pela fé dos contratos. Não retroactividade das leis. Condenações só admissíveis quanto a delitos previamente fixados. Existir uma única pena para cada delito. Intangibilidade do caso julgado. Assistência pública obrigatória. Ensino gratuito.

Todas estas lentas, mas progressivas conquistas do espírito evangélico ruíram, com fragor de catástrofe, ante a Razão de Estado dos totalitários, que prendem os cidadãos pacíficos a qualquer hora do dia ou da noite; que os deportam isoladamente ou em massa; que os torturam e os assassinam quando entendem.

Eis o motivo porque, entre as quatro liberdades da Carta do Atlântico, figura a par da liberdade económica, *liberdade contra a miséria*, esta outra igualmente importante: a *liberdade contra o medo*. É que a segurança individual constitui um dos indispensáveis pilares do edifício cristão a reconstruir.

Como elementos positivos dessa reconstrução, avultam dentro do próprio catolicismo, as actuais ordens religiosas – viveiros de desinteresse e de abnegação, desde que só pelo voluntariado se renovam.

Os protestantes, por seu lado, possuem a Salvation Army e a Christian Science. Todas estas comunidades se encontram ao abrigo das tentações do dinheiro, sob o aspecto da corrupção pessoal e da materialização gostosa da vida.

Fora das Igrejas constituídas, caberá igualmente aos neo-espiritualistas – cristãos independentes, teósofos, antropósofos, espíritas – um grande papel preponderante na transformação íntima das almas, para as

ajudarem a libertar-se pouco a pouco das mil cobiças quotidianas, fontes de transigências, de acomodações, de conformismos, de subornos.

Assim, os habitantes futuros deste nosso Ocidente, criador de tanta beleza, de tão fina sensibilidade e nobre sabedoria, conseguirão paulatinamente emancipar-se, de olhos postos noutros estádios de Vida extra-corpórea, pela ânsia de os merecerem e conquistarem, da tirania implacável do bezerro de ouro. Essa tirania só logrará continuar dominando e subjugando quantos porfiem na negação da sobrevivência – os materialistas empedernidos, cada vez menos numerosos, pois até a Deusa Ciência que tanto veneravam já hoje se vê ante a necessidade de contestar os próprios fundamentos da matéria.

Que pérfida não tem sido a sedução do dinheiro!

Encontramos, na evolução histórica da maçonaria, um bem frisante exemplo das suas possibilidades aliciantes. A par da Igreja, que pronto se deixara romanizar ao converter o mundo romano, a iniciação das catacumbas transmitira de geração em geração, graças a secretas associações de cristãos independentes e livres, certas interpretações evangélicas ocultas quanto ao Homem e à Sociedade nas suas relações com o Divino.

Se nem sempre os ocultistas cristãos viviam na pobreza absoluta das ordens mendicantes haviam-se entretanto acostumado a não considerar, nem amar as riquezas materiais como única e exclusiva finalidade da existência. Assim, aos Albigenses e Templários exterminados, sucederam-se, antes dos Rosa-Cruz, várias escolas e seitas de iluminados – com Paracelso, o alquimista; Boehme, o filósofo; Swedemborg, o visionário; Weishaupt, o doutrinador. Foram eles os precursores e os mestres da Maçonaria moderna, os testadores dos seus primitivos tesouros espirituais. Esta, porém, à semelhança do que ocorreu na Igreja Romana depois de Constantino, esquecendo-se dos mestres e do ensinamento ministrado, passou a preocupar-se muito menos com a resistência doutrinária aos dogmas do que com a cobiça laica da fortuna e influência do clero; até finalmente converter-se, durante o Século XIX, na verdadeira armadura política do capitalismo, a um tempo, elmo arnês e lança da sociedade burguesa.

Eloquente exemplo – tão eloquente, tão claro como o da surdez da maioria dos católicos, padres e leigos, à voz profética de Leão XIII e da sua «De Rerum Novarum?» – do que sejam os abismos da vil cobiça, para onde sempre arrasta os homens o olvido da palavra evangélica: «Não faças a outrem o que não queres que te façam». «Respeita o teu semelhante e ama-o como a ti mesmo».

Estou bem seguro de que a Humanidade de amanhã, liberta das dúvidas do espírito e da ambição, do propósito das ganâncias materiais, poderá finalmente, seja qual for o desfecho de mais uma das contendas cíclicas entre o Ocidente e o Oriente, encarnar e representar ainda sobre a Terra a verdadeira, a genuína, a autêntica Civilização Cristã.

Queira desculpar esta longa carta, que a oferta da sua hábil e talentosa conferência, como os múltiplos problemas que ela suscita me forçaram de novo a escrever-lhe.

Muito me encanta, pode crer, o sentir agora mais perto um lúcido pensamento e uma generosa sensibilidade, que eu supunha só poder admirar de longe, a distância, lá na linha do horizonte.

É provável que a marcha do Tempo, no que possa restar-nos a ambos de vida física neste mundo continue a aproximar-nos.

Será decerto motivo, para mim, da máxima satisfação.

Abraça-o, meu caro Sérgio, com a estima mais sentida, e o mais constante e sincero apreço,

Alberto Monsaraz

As duas cartas seguintes do escritor integralista têm como motivo a polémica que opôs António Sérgio a António José Saraiva, e que se iniciou com a publicação de uma nota, por aquele último, na revista *Vértice*¹³, onde criticava o novo prefácio à reedição do I Volume dos *Ensaio*s¹⁴, sugerindo existir uma discrepância entre estes e o novo prefácio, no qual via um retrocesso em direcção a um idealismo que estaria «em contradição com qualquer teoria da

história que não seja o mero desenvolvimento de um Espírito encerrado dentro de si mesmo»¹⁵. António Sérgio respondeu com um longo artigo publicado na revista portuense *Portucale*¹⁶. É esta resposta de Sérgio que motivou a carta de Alberto de Monsaraz.

Lisboa – 7 de Julho de 1951

Meu bom Amigo

Li de espaço e com atenção perseverante a sua interessante desafronta. Essa confissão pública, tão inabitual em homens de letras pelo que contém de íntima e espontânea sinceridade, constitui sem dúvida uma raridade curiosa e reveste-se dum prodigioso interesse.

Para além do espaço restrito das ideias em que gravita, logo se esboça e precisa o recorte de todo um mundo moral, nítido, sensível, onde uma consciência de eleição se nos revela e impõe de forma avassalante. É que o jovem tenente da marinha lá continua, através dessas setenta páginas, quebrando a espada em permanente protesto contra quanto se lhe afigura ser violência, opressão ideológica ou mentira.

Senti-me bem próximo de tão generoso espírito em algumas passagens e por certos aspectos entre tantos outros que ainda teimo situarem-se nos antípodas dos meus sentimentos e convicções.

Do que, entretanto, estou convencido e seguro é que o seu contraditor fica sempre muito aquém – coitado! – em todas as regiões do pensamento, da notável personalidade de António Sérgio, que um velho amigo meu – muito apartado, aliás, do seu ideário – considerava numa carta há dias recebida, aplicando-lhe o dito dum crítico inglês sobre Shaw, uma verdadeira Instituição.

Fui anotando, de ponta a ponta, as suas *Notas de Esclarecimento*, concordando aqui, discordando além, surpreendendo-me por vezes.

A oposição do materialismo histórico ao dialéctico é, só por si, uma autêntica *trouvaille*. Oxalá esse materialismo histórico que tanto se ufana de ser paladino e entre nós arauto e pregoeiro, não se haja volvido, num espírito tão anti-dogmático, em novo dogma arreigado e irremovível!

Ao acabar de ler o último período: «porque há-de ser esse dogmatismo de necessidade estrita para o que importa verdadeiramente nesta nossa época, – que é a obra *prática* de humanizar os homens pelo efeito transformativo do trabalho humano», não me contive e logo a seguir deixei escrito no que restava de página em branco:

– E então a obra *prática* de espiritualizar os homens para que eles venham a ser, extinta a vida física, mais felizes depois da morte do que foram neste mundo?

Quem procure tornar-se um bom e activo cristão – um cristão dos primeiros séculos e não um qualquer católico do vigésimo – não será natural que sinta um pouco menos e evite aos semelhantes sentirem um pouco mais a impiedosa tirania orgânica do tubo digestivo? Renúncia e Caridade não serão, acaso, virtudes positivas, operantes e actantes, no domínio do social?

E se a Alma dos homens não for aquele epifenómeno que os materialistas asseguram? Se perdurar e sobreviver em plena consciência? *Tout est là*. Não deverá esta possibilidade – eu direi: esta realidade – ser admitida e considerada, ao menos a título de hipótese, por quem sinceramente renegue de todos os materialismos, novos e velhos, mais dos seus dogmas, tão odiosos para a livre crítica como os contrários?

Não lhe escondo que muito gostaria de escutar, de viva voz, respostas concretas, precisas, decerto já maduramente pensadas e ponderadas a estas espontâneas e oportunas perguntas, a estas naturais e consequentes interrogações, que logo ali deixei inscritas na última página de texto do seu folheto, em guisa de conclusão crítica a tão valioso e interessante trabalho.

Abraça-o, entretanto, com a viva admiração e a sincera estima de sempre

Alberto de Monsaraz

P.S. Enviar-lhe-ei, dentro em breve, um livro recém-publicado de poesias espirituais e espiritualistas¹⁷, que talvez lhe mereçam o apodo de seráficas e o levem a sorrir... Paciência. Prefiro, enquanto viva, ir sentindo e murmurando com Alfred de Musset:

Si le Ciel est désert, nous n'offensons personne;

Si Quelqu'un nous entend, qu'Il nous prenne en pitié!

Mas a polémica não ficara por ali. Surgira entretanto a notícia de que António José Saraiva iria publicar um opúsculo mais desenvolvido onde aprofundaria a crítica publicada na *Vértice*, e as primeiras notícias indicavam que teria a chancela das Edições S. E. N., ligadas a elementos do Partido Comunista¹⁸. António Sérgio entendeu por bem adverti-lo, publicamente, em *Um Caso Típico da Pseudo-Cultura Nacional*¹⁹, que abria com a epígrafe: «Isto são rapaziadas», do *Verdadeiro Método de estudar*, de Luís António Verney. E prevenia: «Se no esperado escrito do Professor Saraiva encontrar mais alguma coisa do que ataque pessoal (que é o que o título anuncia); se vir nele ideias que sejam dignas de exame, – explicar-me-ei em carta aos jovens estudantes de Ciências, espíritos mais habilitados para a compreensão do que eu digo do que os puros literatos como o Professor Saraiva»²⁰.

De facto, António José Saraiva publicou o texto anunciado, em edição do autor, explicando que se destinara inicialmente às páginas de *Portucale*, mas que a dimensão assumida impôs a sua edição em opúsculo. O título correspondia ao anunciado – *O Caprichismo Polémico do Sr. António Sérgio*²¹ – e nele prosseguiu e desenvolveu as críticas anteriormente formuladas, com especial incidência na alegada contradição de Sérgio em relação às causas da conquista de Ceuta apontadas no ensaio de 1919 e depois no prefácio de 1949. Sérgio cumpriu o que prometeu e iniciou em Julho de 1952 a série de *Cartas de Problemática*²², que continuou até 1955, diluindo-se ao longo delas a razão que lhes deu origem, isto é, as observações de António José Saraiva.

Alberto de Monsaraz solidarizou-se, mais uma vez, com António Sérgio:

Lisboa, 27 de Dezembro de 1952

Meu Caro Amigo :

Já lera antes das férias as duas primeiras *Cartas de Problemática*, e *Um Caso típico* que tão bem esclarece as razões da segunda. Já igualmente

conhecia o opúsculo-panfleto do seu opositor, que veio provocar-lhe aquela pronta resposta, aguçada e trepidante como um florete.

Essa vivo duelo de inteligências – puras inteligências sem mescla de emotividade no que constitui o âmago do debate – interessou-me prodigiosamente, tanto mais que tinha ainda bem presente na memória a sua réplica inicial de há quase três anos, que então fez o favor de mandar-me e que bem creio haver-lhe, nessa altura, devidamente agradecido. Dentro do campo científico, o adversário fica prostrado! Quanto às pretensas contradições no encarar dos problemas históricos, por cujas frinchas esse contentor, chefe da conjura anti-sérgica, porfia em vulnerá-lo, trata-se apenas – a meu ver – de aspectos novos, de inéditos reflexos do mesmo nobre pensamento ao evoluir, decerto conscientemente, para mais claros horizontes...

Essa evolução «idealista» que julgo pressentir, bem compreensível em face das recém-premissas da ciência, lógica sem dúvida e talvez até inevitável é que parece preocupar e apoquentar sobremaneira quem se arrogou o encargo de vigiar-lhe – com que autoridade? – as actividades do espírito e zelar, sob pretexto de coerência, pelo seu immobilismo.

E é isso, afinal, que tanto o agasta e molesta, que precisamente soube encantar-me, a mim, velho admirador e amigo – embora tantas vezes na margem oposta – do escritor António Sérgio: o de ontem, o de hoje, o de amanhã, sempre igual a si próprio no talento, na pesquisa ansiosa e na perfeita sinceridade.

Seu «ex corde vivo»

Alberto de Monsaraz

P.S. Na 4.^a *Carta de Problemática* entretive-me a pôr fisionomias e nomes, decerto imaginários, naquelas várias categorias de seres pensantes com quem o seu espírito crítico não sintoniza. Mas quais serão, afinal, os raros nautas virgilianos que Você habitualmente encontra no exacto cumprimento da sua onda espiritual? Espero bem, apesar do meu religiosismo evangélico de cristão dos primeiros séculos, não andar talvez demasiado longe dessa frequência.

Sérgio respondeu a esta última missiva com uma outra, onde esclarece a evolução do seu pensamento e também a sua posição face à religião e ao espiritual.

Lisboa, 30-XII-52

Mau caro Amigo

Obrigadíssimo pela sua boa carta e pelos seus votos, que afectuosamente retribuo.

Devo dizer-lhe que não sinto evolução na linha do meu pensamento desde os 18 anos até agora. Nunca saí da atitude racionalista-idealista em que me colocou, então, uma reflexão sobre a geometria analítica e a física matemática, e o que penso sobre a influência do económico na história é o que pensava há quarenta anos. No meu racionalismo houve sempre um vivo sentimento da vida sensitiva (quer pelo lado científico, quer pelo lado moral) o que me aproxima dos místicos mas me afasta sempre do devocionismo.

Não cri nunca (*nunca*, nem em criança) no Deus da revelação, mas senti sempre o divino em mim. *Prope est a te Deus, tecum est, intus est.* Democrata (da democracia política, *mas sobretudo social*) fui desde cedo e sou agora. Sempre contra todos os fanatismos, sempre contra todos os dogmatismos, sempre pronto a combater contra a injustiça e a intolerância, venham da esquerda ou da direita, de católicos ou de ateus.

Um bom abraço do seu

A. Sérgio

P.S. Só depois de lida, sobrescritada e fechada esta carta vi que havia no verso da sua um P. S. Creio que se podem entender bem comigo todos os profundamente cristãos, – como os dois falecidos padres Alves Correia²³, por exemplo. Considero que foi um erro da Igreja chamada «cristã» o querer reunir o Novo ao Antigo Testamento. Perfeito cristão foi para mim, por exemplo, um Espinoza, e, claro está, muitos dos que se deram como cristãos o foram em grandíssima

escala. Mas pouco me posso entender com quem se diga cristão e não seja, por um lado, místico; por outro, socialmente revolucionário.

Muito seu

A. S.

P.S. do P.S. Entre outros, referi-me na 4.^a *Carta* ao Abel Salazar e ao Bento de Jesus Caraça. A 5.^a *Carta* foi entregue na tipografia; não sei quando sairá.

Perdoe a apressadíssima colagem que fiz. Tenho dezenas e dezenas de cartas a escrever!

Esta troca de correspondência revela a existência de relações muito cordiais entre os dois homens e também de coincidências no plano cívico. A última peça deste relacionamento epistolar é uma breve mensagem de Sérgio, sem data, mas que deve ser de Janeiro de 1953, quando se organizava a Comissão Promotora do Voto. Em anexo seguia um plano de acção para as próximas eleições legislativas.

Meu caro Monsaraz

Peço-lhe um momento de atenção para o papel incluso.

Um bom abraço do seu

António Sérgio

Proponho o seguinte:

1. Protestarem os partidos, cada um de per si, contra o modo como vão realizar-se as eleições, declarando abster-se, mas dando aos seus filiados licença para se apresentarem por sua conta e risco, e não como candidatos do respectivo partido ou da oposição organizada;
2. Proporem-se em cada distrito candidatos oposicionistas meramente

personais e locais (já que existe quem queira candidatar-se) sem se darem como representantes de qualquer partido ou organização;

3. Em cada distrito, votar toda a oposição no candidato ou candidatos oposicionistas que tiverem maior força eleitoral, ou seja maior probabilidade de vencerem, pertençam ou não a um partido, e seja qual for o seu partido (republicano-burguês, socialista, monárquico ou católico), uma vez que incluam no seu programa a efectivação dos princípios de liberdade de pensamento e associação que a Constituição estabelece, – e que seria a única condição exigida para toda a oposição votar nele.

Para as eleições – caso haja quem insista em candidatar-se – creio que o mais importante seria a criação de uniões distritais de oposicionistas sem aparente organização nacional.

A única organização de carácter geral, nacional, que eu para já preconizaria, seria uma Liga Defensora dos Princípios da O.N.U. e do Conselho da Europa.

Creio que conviria que os partidos, nos seus manifestos, acentuassem que Portugal é o único país, entre os que participam do Pacto do Atlântico, que não goza de liberdade de opinião e de associação e que está sujeito a uma polícia política com poderes discricionários.

Monsaraz morreu em 1959 e António Sérgio dez anos depois, em 1969.

Este pequeno acervo epistolar comprova que, não obstante as diferenças essenciais que os separavam, ambos souberam afirmar-se como homens livres, muito em especial durante o Estado Novo.

Notas

¹ «Também estive preso, três dias, sob os ferro da República, suspeito de talassa perigoso». «Duas Cartas inéditas de António Sérgio para Afonso Lopes Vieira», apresentadas por Rogério Fernandes, *Colóquio / Letras*, n.º 46, Novembro de 1978, p. 59.

² Para reconstituirmos as deslocações e permanências de António Sérgio no estrangeiro, a sua correspondência é um auxiliar indispensável, se bem que muitas vezes as missivas não estejam datadas e localizadas. Vejam-se como principais núcleos publicados: *Cartas de António Sérgio a Álvaro Pinto (1911 – 1919)*, introdução e notas de Rogério Fernandes, Ed. da revista *Ocidente*, 1972; «António Sérgio: Cartas do Exílio a Joaquim de Carvalho (1927-1933)», *Revista de História das Ideias*, n.º 5, Vol. II, 1983, pp. 951-1016, com notas de Fernando Catroga e Aurélio Veloso; «Cartas de António Sérgio a Castelo Branco Chaves: 1924-1955», apresentação e transcrição de Luísa Ducla Soares, *Revista da Biblioteca Nacional*, 2.ª Série, Volume 4, n.º 2, Julho-Dezembro de 1989, pp. 47 a 78; *Correspondência para Raul Proença*, organização e introdução de José Carlos Gonzalez com um estudo de Fernando Piteira Santos, Lisboa, Publicações D. Quixote/Biblioteca Nacional, 1987; José Régio / António Sérgio, *Correspondência (1933 – 1958)*, apresentação e notas de António Ventura, Portalegre, Centro de Estudos José Régio, 1994; António Ventura, «António Sérgio e António Augusto Ferreira de Macedo: Marcos de um convívio epistolar (1919-1949)», Lisboa, *Estudos sobre António Sérgio*, INIC, Centro de História da Universidade de Lisboa, Cadernos Clio, 1988, pp. 51 a 116: «Epistolário da Biblioteca Municipal de Coimbra. De António Sérgio a Manuel da Silva Gaio», *Arquivo Coimbrão*, Boletim das Biblioteca Municipal de Coimbra, Volume XXV, 1977; Jacinto Baptista, «Cartas de António Sérgio para Sarmento Pimentel», *Diário Popular*, entre 3 e 9-12-1977, e 15-11-1979 a 3-7-1980, «Correspondência entre António Sérgio e Bernardino Machado», *O Correio do Minho*, de 15-1 a 16-7-1983.

³ António Sérgio, *Correspondência para Raul Proença*, cit., p. 118.

⁴ Raul Proença, «António Sérgio e o seu monarquismo ante o olhar puríssimo de certas vestais republicanas», *Seara Nova*, n.º 29, 20-1-1924, pp. 100 e 101.

⁵ Foi o caso, no campo seareiro, de Raul Proença. Sobre *Homens Livres* v. João Medina, *O Pelicano e a Seara*, Lisboa, Edições António Ramos, 1978, que inclui a reprodução integral dos dois números de *Homens Livres*.

⁶ Sobre esta prisão ver Jacinto Baptista, *Disse chamar-se António Sérgio de Sousa... Auto da Prisão, Inquirição e Desterro do Autor dos «Ensaio» em 1935*, Lisboa, Ed. Caminho, 1992.

⁷ V. Alberto Pedroso, «António Sérgio – última prisão, um esclarecimento e uma carta», *Vértice*, n.º 28, Julho de 1990, pp. 89-94.

⁸ Alberto de Monsaraz, *Altura Solar. Marcando Posição*, Lisboa, Pró Domo, 1945.

⁹ Alberto de Monsaraz, *Respiração mental. O Problema da Censura*, Lisboa, Edição do Autor, 1946.

¹⁰ A primeira edição da conferência – a que suscitou a carta de Alberto de Monsaraz – não apresenta data, mas foi impressa na Imprensa Libânio da Silva ainda em 1948. Uma segunda edição, da Inquérito, também sem data, é de 1957.

¹¹ Monsaraz refere-se à carta que publicou no n.º 175, de 10-7-1948 do semanário *Sol*,

dirigido por Lello Portela, numa secção intitulada «Tribuna Livre» e depois «Tribuna de Oposição». O texto surge com o título de «Questão Candente. A Liberdade de Informação. Uma carta do ilustre Escritor Alberto de Monsaraz» (pp. 1 e 10): «Como se há-se evitar, num regime de pseudo-liberdade de Imprensa, que os jornais de grandiosas tiragens, filhos do Capital Vagabundo e da Sociedade Anónima, exerçam, de facto a tirania dum perfeito monopólio informativo?».

¹² Dimitry Sergeievich Merejkovsky (S. Petersburgo, 2-8-1865, Paris 7-12-1941). Escritor russo, cultivou o teatro, a poesia e o romance. Influenciado por Dostoievsky, que conheceu pessoalmente, foi também herdeiro do pensamento de Comte e de Spencer. Admirador de Põe e de Baudelaire, viajou por vários países europeus. Tornou-se conhecido com a trilogia *Cristo e Anticristo*, iniciada em 1895, e com os seus ensaios sobre Dostoievsky e Tolstoi. Criticou tanto a ordem czarista como a ortodoxia russa, advogando a necessidade de uma reformulação do cristianismo. Depois das revolução de 1917 exilou-se, fixando-se em Paris. Ali escreveu biografias de grandes figuras como Dante e Lutero, algumas obras de ficção – destaque para *O Nascimento dos Deuses* – bem como outras de carácter místico e heterodoxo.

¹³ António José Saraiva, «Sobre a 2.ª edição dos *Ensaio*s de António Sérgio», *Vértice*, n.º 81, de Maio de 1950, pp. 279 a 292.

¹⁴ A primeira edição, do Anuário do Brasil, surgira em 1920 no Rio de Janeiro. Esta 2.ª edição foi publicada em 1949, em Coimbra, com a chancela da Atlântida.

¹⁵ António José Saraiva, art. cit., p. 280.

¹⁶ António Sérgio, «Notas de esclarecimento com forçados lances de olhos sobre o *Moi Haissable* e alegações enjoativas *Pro Domo Mea*», *Portucale*, 2.ª série, n.º 28-30, Julho-Dezembro de 1950, pp. 193 a 244. Também editado em separata, como caderno da *Portucale*, numa tiragem de 250 exemplares numerados.

¹⁷ Trata-se do livro *Céus*, Lisboa, Livraria Férrin, 1951, dedicado «A José Pequito Rebelo, Aviador e místico navegante heróico dos céus».

¹⁸ A S. E. N., Sociedade Editora Norte, era uma sociedade cooperativa sedeada na Rua de Santa Catarina, n.º 25, 3.ª, Porto, e foi encerrada a 21 de Dezembro de 1959. Dela faziam parte, entre outros, o velho militante comunista José Silva, que publicou a propósito o opúsculo *S. E. N. Cooperativa Cultural*. A S. E. N. organizara as primeiras edições das obras e Soeiro Pereira Gomes *Refúgio Perdido* (1950) e *Engrenagem* (1951).

¹⁹ António Sérgio, *Um Caso típico de Pseudo-Cultura Nacional*, Lisboa, Editorial Inquérito.

²⁰ Idem, p. 8.

²¹ António José Saraiva, *O Caprichismo Polémico do Sr. António Sérgio*, Porto, Edição do Autor, 1952.

²² António Sérgio, *Cartas de Problemática dirigidas a um Grupo de Jovens Amigos, Alunas e Alunos da Faculdade de Ciências*, série de 12 fascículos publicados entre Julho de 1952 e Janeiro de 1955 pela Editorial Inquérito.

²³ Alusão ao sacerdote e missionário Joaquim Alves Correia e seu irmão, o franciscano Manuel Alves Correia.